

Crédito caro

Nos últimos anos, o Banco Central segue um rígido programa de metas inflacionárias, empregando altas taxas de juros para o controle de inflação e financiamento dos gastos públicos. Essas altas taxas de juros influenciam no custo de capital das empresas, pois o custo de oportunidade de bancos e demais instituições financeiras também cresce. Então o dilema: investir em títulos do governo de baixo risco ou emprestar para empresas correndo riscos?

Como consequência, as empresas têm um incremento em seu risco financeiro, bem como no aumento da possibilidade de inadimplência e insolvência. O aumento desse risco financeiro torna o crédito para as empresas em geral mais caro, que é repassado ao consumidor com um custo ainda maior.

Considerando que a oferta de crédito para os consumidores é um dos principais fatores de impulso e crescimento do setor varejista, a prática de altas taxas de juros da política monetária do governo reduz o limite de crédito disponível e aumenta o custo de financiamento para os clientes, contraindo assim as vendas e o faturamento do varejo, o que por sua vez reduzirá as vendas do atacado.

Tudo isso refletirá em diminuição ou postergamento dos investimentos empresariais e em recessão ou um crescimento muito pequeno da economia, até mesmo abaixo de seu crescimento vegetativo. O problema é ainda

agravado pela queda no consumo, que provoca um aumento no risco das empresas, que novamente se reflete em mais aumentos nas taxas de juros cobrados dos varejistas.

A pergunta que todo varejista deve fazer para si mesmo é como superar esse círculo vicioso. Uma das soluções é cruzar os braços e depender de uma mudança de política monetária do governo, o que não deve ocorrer no curto prazo, pois os gastos públicos não foram reduzidos, necessitando serem financiados a taxas de juros atraentes (altas) para o mercado financeiro. Outra solução é o setor varejista organizar-se e procurar influenciar o governo e o Banco Central a fim de mudar a política econômica. No entanto, há uma contrapartida: para reduzir os juros sem o risco de elevação da inflação devido ao consumo, os setores de comércio, indústria e serviços terão que dar algo em troca, como, por exemplo, mecanismos de auto-regulação e garantias de manutenção e controle de preços.

Para finalizar, uma última saída para o comércio é este acessar o mercado financeiro internacional para captação de fundos de médio e longo prazos, que serão utilizados para financiar os clientes do varejo no curto e médio prazos. A vantagem dessa saída é que ela é mais rápida e não depende do ânimo do governo, além de ser mais barata. Todavia, traz consigo o risco cambial, mas este, por sua vez, pode ser controlado por meio de contratos derivativos.



Ricardo Ratner
Rochman
FGV-EAESP